

**CULTURA, MEMÓRIA, NATUREZA: DO “CULTIVANDO ÁGUA BOA”,  
NARATIVAS DOS DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DOS PASSIVOS  
AMBIENTAIS NA GESTÃO POR BACIAS HIDROGRÁFICAS**

Gilson Backes

Vínculo institucional: Prefeitura do Município de Mercedes-PR.

E-mail: gilsonmh12@yahoo.com.br

“A grande questão que se coloca é que parece que o ser humano só aprende na dor. Ele tinha que aprender no amor. No amor à natureza, no amor ao semelhante, no amor à vida. Mas o homem parece que só aprende quando surgem problemas, doenças, catástrofes ou ameaças muito fortes”. Nelton Friedrich.

Neste texto procuramos tecer algumas discussões iniciais sobre as questões ambientais na região Oeste do Paraná, em específico no município de Mercedes,<sup>1</sup> que marca outras dinâmicas e temporalidades no cotidiano da população. A preocupação que orienta nosso olhar sobre as ações que movimentam e condicionam as pessoas a voltar sua sensibilidade a uma dada preservação ambiental diz respeito ao Programa “Cultivando Água Boa”, em especial, nas atividades desenvolvidas na gestão por bacias hidrográficas, na qual se procura recuperar as nascentes e os pequenos córregos que margeiam o rio Paraná, sustentáculo da Hidrelétrica Binacional de Itaipu.

Apresentando características ambientais das mais impactantes, a região Oeste do Paraná, em pouco mais de 50 anos, teve transformada a sua mata fechada e seus milhares de córregos, nascentes e rios. Isto de fato é forte frente a um processo de mecanização com uso de alta tecnologia, na chamada “revolução verde”, introduzida a partir da década de 1970 do século XX e difundida praticamente em todo mundo, quando quimicalizou-se quase toda a produção. As terras férteis desta fronteira agrícola, na medida do possível, tornaram-se uma vasta área de lavouras, onde se produz principalmente a soja, o milho e o trigo. Os efeitos da transformação deste espaço numa área predominantemente agrícola fazem-se perceptíveis no momento: a degradação do solo dada pela erosão e a aplicação desenfreada e indiscriminada de agrotóxicos, a devastadora erosão, o desflorestamento e a perda de milhares de espécies naturais revelam o enorme desequilíbrio ambiental que esta região sofrera e sofre. Objetivando a reversão deste quadro com característica desoladora, iniciou-se no ano de 2003 o Programa “Cultivando Água Boa”. Desenvolvido pela Itaipu Binacional em sua área de

---

<sup>1</sup> O município de Mercedes localiza-se geograficamente as margens do lago de Itaipu, na fronteira com o Paraguai na região Oeste do Paraná e, conta com uma população estimada em 4.902 pessoas.

abrangência, na Bacia do Paraná III (BP3), do qual fazem parte 29 municípios (compreendidos entre Foz do Iguaçu, Cascavel e Guaíra), o programa atua no sentido de “informar” as pessoas sobre os modos de interagir e perceber o ambiente recuperando áreas degradadas.

Numericamente, até o final do ano de 2009, as atividades do programa haviam envolvido, direta e indiretamente, 295 mil pessoas. Dentre os projetos socioambientais postos em prática por intermédio do Programa “Cultivando Água Boa” destacam-se: Educação Ambiental; Produção de Peixes em Nossas Águas; Biodiversidade, Nosso Patrimônio; Gestão por Bacias Cultivando Água Porã; Infraestrutura Eficiente e Saneamento na Região; Educação e Sustentabilidade Regional; Monitoramento e Avaliação Ambiental e, por fim, Agropecuária Sustentável. Estes projetos encontram-se difundidos nos municípios abrangidos pela Bacia Hidrográfica do Paraná III.

É nessa perspectiva que pretendemos pensar historicamente as ações das pessoas ainda em momento anterior ao desenvolvimento das práticas de preservação ambiental, discutindo a construção de seus saberes e experiências. Abordando a relação entre natureza e cultura, uma vez que procuramos construir compreensões a partir do conhecimento das pessoas, dialogamos com a concepção teórica formulada por Marilena Chauí (2006, p. 107), que observa a atuação “dos humanos com o tempo e no tempo”, sobretudo quando a cultura “passou a significar a relação que os humanos, socialmente organizados, estabelecem com o tempo e com o espaço, com os outros humanos e com a natureza, relações que se transformam e variam em condições temporais e sociais determinadas”.

Esta cultura é compreendida aqui a partir das experiências, tendo como fio condutor o *lugar da subjetividade*, uma vez que procuramos perceber como as pessoas apreendem o seu relacionamento com as questões socioambientais por intermédio do veio metodológico da História Oral. Para conseguir entender tal realidade, as fontes orais, no exercício de sua produção, que nem sempre trazem com exatidão os fatos ocorridos no passado, são utilizadas enquanto textos que operacionalizam interpretações impregnadas pela realidade social que se molda no momento da fala. Isto é, os relatos traduzem os modos de viver e relacionar-se com e sobre o ambiente principalmente com os múltiplos suportes que ajudam a pensar e interpretar tal realidade.

Levando em conta tais considerações, ao reportar aos relatos, procuramos interpretar a realidade empírica das pessoas, as quais assumem sentidos próprios

desvinculando-se das forças sociais que por vezes procuram controlá-las homogeneizando suas ações. Uma realidade que a partir dos relatos torna-se socialmente compartilhada, possibilitando apreender suas experiências no âmbito da diversidade das relações sociais vividas. A partir desta perspectiva, levamos em consideração os escritos de Yara Aun Khoury, que ao focalizar a participação das pessoas na pesquisa histórica observou:

Imbuídos da noção de sujeito anteriormente apontada, dialogar com pessoas sobre cuja experiência refletimos, tem significado explorar modos como narrativas pessoais e únicas trazem dimensões do social vivido e compartilhado; como apontam alternativas em jogo na realidade social, processos de dominação e resistência, horizontes possíveis, limites enfrentados ou a enfrentar. (2006, p. 28).

Neste movimento da história procuramos interpretar também como as pessoas lidam com a noção de pertencimento, reivindicando, muitas vezes, um lugar que precisa ser reelaborado constantemente devido aos movimentos ambientais que se colocam. Da mesma maneira, como imprimem significações sobre os modos de trabalhar a terra, os quais devem ser reestruturados para atender as necessidades das ações preservacionistas, sobretudo quando as áreas de produção agrícola necessitam de readequação devido às leis ambientais. Nesta abordagem, nossas atenções voltam-se as relações sociais que se forjam nos embates culturais, uma vez que as pessoas envolvidas com as atividades do projeto de “Gestão por Bacias Hidrográficas” necessitam rever seus modos de trabalhar e se relacionar com o meio em que vivem. Às argumentações das pessoas, em especial os agricultores, focalizam em seus textos narrativos riquezas de detalhes e dinâmicas projetadas sobre o espaço de sua atuação.

Para tanto, estaremos atentos ao que afirmou Yara Aun Khoury, em outro momento, sobre a compreensão do significado das dinâmicas sociais interpretadas pelas múltiplas expressões e linguagens:

A interlocução com pessoas nos põe em contato mais direto com os trabalhos da consciência e da memória de cada um, estimulando nossa própria consciência da dimensão política desse diálogo intelectual. Isso requer mais do que um trato meramente factual das narrativas e de coleta e sistematização das ricas informações que trazem; demanda uma atenção especial à relação imbricada entre os fatos narrados e significações construídas, que vão muito além das próprias entrevistas. Eles se forjam nas relações sociais vividas e também incidem sobre elas. (2004, p. 122).

No fazer-se da história, observarmos as experiências das pessoas em suas relações com as questões ambientais. De um modo ou outro procuramos apreender suas sensibilidades cotidianas, sobretudo nos modos de produção da própria existência social expressas em linguagens. É neste sentido que as experiências articuladas pela memória dão significados a gestos e comportamentos que transcendem o momento específico da produção do relato para se tornar um momento único de interlocução com a historicidade.

Postadas algumas considerações de cunho teórico é de sublime importância dialogar diretamente com fragmentos de relatos, uma vez que os observamos situados num processo dinâmico em que o vivido reconstrói-se pelos aportes materiais do passado/presente procurando atribuir significados ao futuro.

Como mencionamos anteriormente esta região em poucas décadas teve sua floresta toda devastada. As memórias das transformações ambientais retratam como necessária a derrubada da mata para obter bons resultados com a atividade agrícola. Na lembrança daqueles que participaram deste processo de devastação permanece incrustada uma dimensão particularizada que atenta para termos reflexivos de análise histórica. O que tem nos desafiado é a compreensão de como se instituiu e se institui a relação homem/meio ambiente a partir do que relatou o senhor Adolfo Hobus:

Aqui derrubava por conta. Isso aqui não tinha controle. Isso aqui derrubava, fazia tudo por conta. Derrubava tudo, destruía tudo. Agora sim, agora qualquer metro de ipê, qualquer madeira eles conservam. Agora é tarde. (2008).

A fala do senhor Adolfo, prenhe de significados históricos, colocou-nos a refletir esta senda de sentidos na relação com as questões ambientais no Oeste do Paraná, as margens do Lago de Itaipu. Em seu conjunto, a narrativa demarca o cotidiano vivido por centenas de pessoas, entre as quais muitas possuem uma pequena propriedade nesta região que faz fronteira geográfica com o Paraguai, com o Lago de Itaipu e se faz pertinente também ponderar a criação simbólica de uma fronteira dos homens com o meio ambiente. Estas pessoas se inscrevem numa trama social vivida de maneira tensa, sobretudo quando se vêem envolvidos pelo campo das políticas públicas de proteção ambientais que se colocam no presente, quando da cobrança do esgotamento das reservas florestais.

Cabe dizer que o senhor Adolfo, 68 anos, é um migrante chegado ao Oeste do Paraná em meados da década de 1950, quando se instalou com a família onde

atualmente é o município de Mercedes, num período em que se iniciava a ocupação intensa com um desflorestamento desenfreado para a prática de atividades laborais agrícolas. Embora reeditar um sentido próprio, a sua experiência como um trabalhador e, também, como proprietário não aconteceu num plano paralelo às discussões ambientais. O senhor Adolfo volta sua atenção a uma provável reparação aos danos causados por ele e por tantos outros ao meio ambiente. A derrubada da mata foi uma prática de transformação do espaço, segundo o senhor Adolfo, realizada “por conta” e que causou graves estragos ao ambiente. Ao mesmo tempo, a sua manifestação pode ser lida como um desabafo, neste momento individual, que emerge do escopo das novas leis ambientais, quando necessita realizar o reflorestamento para a proteção das margens das nascentes e do pequeno córrego que corta sua pequena propriedade.<sup>2</sup>

A interpretação das ações dos homens sobre o espaço, a partir do relato, articula-se a elementos que configuraram as modificações da paisagem, principalmente quando não havia nenhum controle feito por órgãos governamentais de proteção ambiental; Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), os quais atuam no sentido de proteger as áreas de preservação. Tampouco, os agricultores tinham “consciência” da importância da natureza para os anos seguintes. As lembranças assim resignificadas podem ser entendidas como reconhecimento da atuação dos agentes e da transformação de uma realidade. Esta, de acordo com Milton Santos, “é um deslocamento visível do ser no espaço, criando uma alteração, uma modificação do meio. Um dos resultados da ação é, pois, alterar, modificar, a situação em que se insere” (1996, p. 64). A ação das pessoas sobre o espaço deverá ser pensada enquanto processo, no qual os agentes não modificaram somente o meio que os cerca, mas mudam também a si próprios, social e culturalmente ao projetarem seus modos de relacionar-se com todas as dimensões da vida social.

Inscrevendo um horizonte interpretativo e demarcando o lugar social que ocupa, ao revelar a obrigatoriedade da preservação e recuperação das áreas de florestas, em especial aquelas próximas as nascentes e córregos, o senhor Adolfo ainda pontuou:

Agora tem que fazer reflorestamento tem que fazer tudo de novo. Naquela época era só derrubar, só derrubada. Se naquela época eles tinham falado de cultivar as águas, fazer saneamento básico nas águas e botar logo quem destocava fazer curvas de nível isso não tinha, o pessoal destocava e vinha as enxurradas e ia tudo pros rio. E assim ia. Foi uma destruição completa. O

---

<sup>2</sup> Gostaríamos de salientar que no momento da produção do relato do senhor Adolfo, maio de 2008, as discussões a respeito das chamadas mata ciliar estavam muito forte e, ainda, pouco definidas.

mais que me dói isso aí, ver todos esses palmitos que foram tirados e as madeiras de lei que foram tiradas só os mais bonitos, o resto foi tudo estragado. (2008).

No campo representativo a lembrança do senhor Adolfo atuou no sentido de justificar o passado com o presente repleto de suas preocupações. Ele não partiu de um olhar fixo na interpretação das relações que se moldaram e as quais não se dão por acabadas. Ele procurou expressar muito daquelas relações que estavam vigentes na época de sua produção para assim demonstrar a ação humana sobre e no espaço. No âmbito dessas relações subentende-se que as pessoas de modo algum emolduram suas ações no passado com uma força paralizadora, elas articulam o passado com um presente ativo que precisam reelaborar constantemente, seja pela lembrança ou o próprio modo de trabalhar a terra.

Por outro lado, observamos certo anseio por parte do senhor Adolfo em contar sua experiência sobre o passado ponderado pela inevitabilidade das transformações ambientais. Na lembrança dada pelo relato os palmitos e as madeiras de lei constituem-se como marcos das “riquezas naturais” daquele lugar instituído enquanto memórias.

Lembramos ainda no desafio que abarca o presente do senhor Adolfo e de outros tantos, que é o de recuperação da mata, sobretudo a chamada “mata ciliar” próxima aos córregos que margeiam as propriedades. Esta, patircularmente, coloca-se como uma de nossas inquietações: compreender como estas pessoas se colocam nesta ambiência das relações contemporâneas, especificamente num momento em que a chamada reserva legal (RL) e a chamada mata ciliar encontram-se no centro dos embates e discussões em vários segmentos sociais na região Oeste do Paraná. Por ora, esta questão muito pertinente para a problemática aqui levantada não será aprofundada, mas necessita de uma discussão mais demorada noutro momento.

Atemo-nos na articulação das recordações que por vezes abarcam uma trama com feixes de sentidos inaceitáveis, sobretudo quando os agentes, pelos relatos, parecem não darem conta de compreender o envolvimento social nestas relações que se moldam cotidianamente. Eles percebem o engendramento de um processo perverso contra a natureza a partir das atividades acupacionais próprias da vida nas pequenas propriedades: a criação de porcos com suas instalações próximas aos córregos, a criação da pecuária como vacas para a produção de leite as margens das nascentes ou em terras impróprias para a atividade agrícola como nas encostas e morros (o que é comum no município de Mercedes), além das lavouras que acarretam nas alterações do solo com

erosão e a contaminação pelo uso de agrotóxicos. Estas são atividades que com frequência alteraram e alteram a fisionomia da paisagem acarretando em impactos ou mudanças bruscas ao meio ambiente.

Para mudar esta realidade a ação do programa “Gestão por Bacias” está atuante. Com trabalho feito junto às comunidades rurais no sentido de conscientizá-las desenvolve-se uma metodologia de sensibilização por intermédio de oficinas de formação, nas quais as pessoas são instruídas a colaborar na recuperação dos passivos ambientais. De acordo com matéria do jornal *Cultivando Água Boa*:

A Gestão por Bacias Hidrográficas é o processo de diagnóstico e planejamento do uso da terra e de outros recursos naturais, com o objetivo de produzir alimentos e energia sem degradar o solo, a água e a biodiversidade, dentro do conceito de legalidade e sustentabilidade. (2009, p. 13).

Juntamente com o apoio do governo municipal, universidades e da população o programa de “Gestão por Bacias”, ditado por ordem da Itaipu, procura recuperar os córregos e nascentes que alimentam o rio Paraná. O município de Mercedes, com uma área total de 200,6 km<sup>2</sup> e destes 37,51 km<sup>2</sup> tomadas pela água do reservatório de Itaipu, possui 20 cursos de água (córregos ou sangas) que ajudam a alimentar o rio Paraná. Em alguns destes cursos d’água (Sanga Mineira, Sanga Mate, Sanga XV de Novembro e Sanga Beira Rio) já foram realizados os trabalhos com a população no sentido de construir uma dada “responsabilidade” socioambiental. Nestes cursos d’água procurou-se intervir recuperando os passivos ambientais com a reconstituição da mata ciliar, a implantação de cerca de proteção, adequação das estradas rurais, a conservação dos solos, implantação de abastecedores comunitários e o fornecimento de distribuidores de dejetos orgânicos aos agricultores.

Estes dados podem ajudar na compreensão do relato do senhor Francisco Ferreira da Silva que num diálogo aberto com a realidade que se molda demonstrou, a partir de sua experiência, significados pessoais e únicos da dimensão do vivido que ele compartilhou:

Nós estamos tomando água envenenada aí, ó. E naquela época nós não tinha disso. Acabava uma chuva, parava uma chuva, você já ia lá a água estava limpa. Agora, hoje você olha aí, porque naquela época que nós fazia esse serviço que estou contando pra você aqui [de derrubada da mata], quando parava uma chuva e você chegava nas vertentes aí a água era toda limpinha. E agora, hoje com essa bagunça de soja aí ó, hoje acabou tudo. Nós somos todos contaminados. Não temos saúde. (2008).

Voltando-se ao tempo em que trabalhara na derrubada da mata, nos anos de 1960, logo após chegar ao Paraná, proveniente do estado de Minas Gerais, o senhor

Francisco, 67 anos, retoma as rédeas do passado mediando suas preocupações com a sua saúde. Denunciando esta realidade que se circunscreve quando as lavouras de soja parecem lhe “roubar” as riquezas (água limpa e a saúde), Francisco formula um discurso politizado que se enraíza em suas disputas e expectativas cotidianas. A dimensão conflituosa exposta no presente abarca uma trama de sentidos no relato quando interpretado em sua totalidade, uma vez que o senhor Francisco, demarcando o campo de sua atuação, sente-se excluído das atividades laborais do campo, pois como ponderou: “hoje com essa bagunça de soja aí ó, acabou tudo”.

Noutros termos, o senhor Francisco surpreendeu pela sua estrutura narrativa de maneira preocupante. A sua memória retratou outra dimensão matizada pela sua experiência social constituída num chão histórico perscrutado por uma temporalidade de transformações. Conforme lembrara o senhor Francisco:

Hoje você não bebe uma água boa. A água é toda contaminada. Aquela época você podia sair e falar com sua mãe: olha mãe, coloca banha no fogo que eu vou lá buscar um peixe pra comer. Você com cinco, seis minutos ou meia hora você pegava aí peixe pra almoçar. Hoje você vai no rio e fica o dia inteiro e não pega nada mais, está tudo contaminado. (2008).

Algo de muito importante para análise é prontamente apresentado pelo relato do senhor Francisco: a inexistência dos peixes que eram abundantes nas águas dos córregos da região. Ao fazer uma avaliação do presente o senhor Francisco parece desanimar frente as mudanças ocorridas, as quais estão para além de um sentido contestador. No entanto, apresenta um aporte conclusivo para demonstrar-nos uma compreensão pelo esvaziamento e falta dos peixes nos rios ao afirmar que “está tudo contaminado”.

Na interposição das lembranças o senhor Francisco apresentou outros elementos importantes de reflexão ao delinear uma paisagem que parece esgarçar-se:

E a chuva aqui mais escassa por conta disso, porque acabou a natureza. É que nós precisamos é da natureza. Nós não passamos sem a comida, nós precisamos da natureza. E hoje você vê, este Paraná foi devastado tudo e não plantaram a metade. E precisava devastar isso tudo? (2008).

Com vigor, o relato constituiu-se numa interpretação preñe de significações. Com saber argumentativo e muito bem situado dentro dos parâmetros que regem as leis ambientais o senhor Francisco pareceu contundente no sentido avaliador da perspicaz situação de destruição da natureza. Ele demarca com tom de perplexidade a não necessidade desta devastação completa. Ao mesmo tempo reivindica uma conexão entre homem e natureza. Um fio condutor da vida que pareceu ter deixado de existir.

Doravante em sua interposição, o senhor Francisco diagnosticou de outra forma a situação vivida: “água nós não temos. Porque você vê, dá uma chuva nessas roças aí ó, você passa um veneno aqui ó, e dá uma chuva, e essa água vai pra onde? Essa água vai tudo pra nossa água de nós tomar”. (2008). Na preocupação com uma realidade moldada a partir da mecanização das lavouras e da produção da soja em larga escala, o senhor Francisco percebe que há uma degradação da água. Assim mostra-se conhecedor das condições lastimáveis em que se encontra o mais importante recurso natural, o que parece também interferir em suas condições existências no presente.

Os relatos muitas vezes trazem um sentido inevitável de contar como era o tempo de antes e do agora. Neste paralelo, as memórias das transformações aparecem como um anseio de expressar certas experiências que se relacionam com uma paisagem ausente. Presentificando este ausente através da linguagem, o senhor Geraldo Alves Gonçalves recriou sinais de certa exuberância que vivera nesta região:

Mas, antigamente, quando você olhava aquele matão bonito, matão escuro e passarinhos cantando. E hoje você vai lá não escuta nenhum beija-flor gritar ou cantar porque não tem mais mato. Ali não tem mais mato para os passarinhos voar e cantar. É o que eu falo para você: a natureza já vem da terra, se você destrói a mata, acaba com a terra. (2008).

Mediado por uma sensibilidade argumentativa, o relato do senhor Geraldo, 49 anos, emoldurou uma imagem dada pela memória do ausente. A partir de um olhar sobre a devastação da mata, ele demonstrou com certa nostalgia uma dimensão resignificada pelo seu pertencimento a um determinado lugar, numa forma de fazer reconhecer o campo relacional de suas vivências.

As narrativas sobre esta região de fronteira, em que a degradação ambiental apresenta-se de maneira muito forte, são constituídas em feixes de sentidos por semelhanças e diferenças. Os elementos evocados pelas memórias, muitas vezes escondem relações socioeconômicas e/ou socioambientais perversas para aqueles que viveram o período de transformações da natureza nesta região. São relações moldadas que modificam o espaço, no qual, por vezes, nem mesmo seus participantes se reconhecem nelas.

No campo de significações destas relações socioambientais, o lembrar aparece como um ato de burilar o tempo, de recriá-lo numa ordem social constituída. É um tempo que conta o passado, o presente e, ainda, projeta um futuro. A lembrança surge pela força subjetiva do inconsciente, o lugar da memória, procurando re-fazer as

experiências passadas que continuam a interpelar, de maneira instigante, o presente daqueles que expressam suas recordações. Essa é uma questão problematizada por Ecléa Bosi ao retomar depoimentos de idosos sobre a cidade de São Paulo. Segundo Bosi: “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (1994, p. 55).

As narrativas assim (re)constroem significações pela prática de atuação dos sujeitos no espaço, reelaborando uma realidade determinada pelas inquietações do presente. Ao lidar com estas lembranças precisamos interpretar como elas expressam um campo de significações, valores e referenciais que demarcam o lugar social daquele que lembra. Estas memórias expressam significações das transformações dos recursos naturais, pelas quais poderemos reaver algumas paisagens recriadas pelas lembranças.

Nestes termos, procuramos lidar com algumas questões e situações vividas sobre as transformações ambientais e como se coloca um projeto “hegemônico” de recuperação dos passivos. Ao atentar por estes meandros narrativos soou forte um sentido de pertença a um espaço que fora modificado. Este chão rico de historicidade, todavia, necessita de uma profunda análise que disponha outros olhares a está região de fronteira, em especial, ao uso irracional e/ou racional dos recursos naturais e as práticas de preservação.

#### Fontes

Manejo integrado corrige passivos e constrói a sustentabilidade. In: *Jornal Cultivando Água Boa*, Foz do Iguaçu/PR, fevereiro de 2009, nº 13, p. 13.

#### Fontes Orais

Adolfo Hobus. Relato concedido a Gilson Backes. Mercedes, Paraná, 17 de maio de 2008.

Francisco Ferreira da Silva. Relato concedido a Gilson Backes. Mercedes, Paraná, 06 de abril de 2008.

Geraldo Alves Gonçalves. Relato concedido a Gilson Backes. Mercedes, Paraná, 06 de abril de 2008.

#### Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais e a escrita da história”. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’ Água, 2006.

KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história”. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo, Olho d’ Água, 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.